

A ESCOLA

NOVA

Professora Maria Gorete

1 ano Letras/ Espanhol

Carlos Castro

Noemi Deleão

Ana Paula Alves

Glossário:

Pedagogia da Ação.....	3
As Escolas Novas e as Primeiras Associações Pedagógicas.....	4
Propagação das Escolas Novas e bases de sua organização.....	6
Os Grandes Teóricos da Pedagogia Ativista.....	8
Filosofia Pragmática.....	9
John Dewey e o “ensino pela ação”	10
Eduardo Claparède e a “Educação Funcional”. J. Piaget.....	13
O Método Montessori.....	16

Pedagogia da Ação

Tópicos: As escolas novas, Os grandes teóricos da Pedagogia da Ação, Os métodos ativos e as escolas de ensaio e de Reforma.

A corrente pedagógica de maior influência no campo da educação contemporânea é, certamente, a chamada *Pedagogia da Ação*. Essência e nome deste movimento não significam que agora se venha a compreender que o fato educativo seja *atividade*. Mesmo a doutrina tradicional aceitava que o aprender é possível por um ato mental do discípulo, pois o aprender intelectual e memorista é uma espécie de atividade.

A *Pedagogia da Ação* deu um novo sentido ao comportamento ativo do educando e tirou daí importantes consequências. **Fundamentou sua doutrina não na mera ideia de ato e esforço. Observou o fecundo do processo educativo reside numa ação específica, em determinada atividade que não exige da criança algo de fora, a título de uma imposição externa; mas de uma atividade que surge de modo espontâneo, ou é apenas sugerida pelo Professor: uma atividade que vai de dentro para fora, isto é, auto-atividade.**

A atividade pedagógica assim concebida se encontra em relação de dependência das necessidades e dos interesses do educando; é, em outros termos, uma *atividade funcional*. A pedagogia da ação preconizou o princípio, deste modo, de que a tarefa do aprendiz *deve partir da criança*. (*Revolução copernicana da educação moderna: Paidocentrismo*).

Por isso, rejeitou a velha ideia, segundo a qual o ensino reside numa suposta transmissão de conhecimentos. O Conhecimento real, proclamou a Pedagogia da Ação, o conhecimento verdadeiramente incorporado ao indivíduo, e, por fim, capaz de influenciar ou transformar seu comportamento, é uma conquista pessoal, isto é, *autoformação*, esse método pedagógico chegou aos poucos a este conceito de auto-atividade.

Desde os fins do século XIX surgiu o movimento das *escolas novas*, que superando a escola memorista e 'livresca' com seu conceito intelectualista da educação, estenderam a atividade escolas a outras manifestações da vida infantil, mediante trabalhos manuais, técnicos e agrícolas; mediante jogos e excursões; mediante a introdução moral e a arte como princípio de ação na escola. Assim, em face do conceito de atividade intelectualista da escola memorista, a nova Pedagogia reclamou um tipo de *atividade variada ou múltipla*. Deste conceito de atividade é fácil agora, graças aos grandes teóricos da educação atual, remontar-se à ideia da *atividade espontânea*, vencendo, de passagem, o aparente antagonismo entre esforço e interesse.

São Cinco, portanto, os princípios em que se fundamentou a Pedagogia da Ação: auto-atividade, paidocentrismo, autoformação, atividade variada ou múltipla e atividade espontânea e funcional.

As ditas *escolas novas* se encontram em uma relação inseparável com a Pedagogia da Ação. Ainda mais: a organização daquelas veio propiciar, em mais de um aspecto, a doutrina e prática desta. Os criadores das escolas novas trataram de fazer delas órgão de coordenação de toda a obra educativa da comunidade, defenderam as ideias de "escola única" e da "paz na escola", e, no que tange à Pedagogia experimental, favoreceram os estudos da criança e a comprovação objetiva do trabalho escolar (testes).

As Escolas Novas e as Primeiras Associações Pedagógicas

Tópicos: Escolas novas? E sua propagação, implantação e difusão pela Europa e EUA.

O que era a escola nova?

Como reação contra os velhos sistemas educativos, nasceram e se desenvolveram, desde fins do século XIX, acompanhando a doutrina pedagógica revolucionária, diversas instituições de caráter educativo. A obra e a ação destas instituições foram eminentemente práticas: Mais que a exposição doutrinárias, preocupou-as introduzir novos usos na vida da educação. Pode-se dividi-la em dois grupos:

I – As instituições de caráter docente, que, por seus objetivos inovadores, mereceram o nome de escolas novas;

II – As associações formadas por profissionais da Pedagogia, cujos propósitos reformadores se realizavam através de assembleias de educação (nacionais e internacionais), publicações periódicas, intercâmbio de professores e etc.

Com respeito às primeiras, às *escolas novas*, convém prevenir-se contra uma objeção. Não foram estas as primeiras instituições docentes criadas com o claro propósito de transformar a educação. Antes delas existiram muitas escolas que mereceram o nome de “novas” com referência a sua época.

As escolas novas, ensaiaram a maneira de reformar a prática docente tal como a haviam consagrado, de fato, a política educativa e a pedagogia prática do Século XIX, e, em muitos aspectos, o próprio século XX. Características comuns destas escolas eram: Educação Integral, Vida no Campo, Coeducação, Sistema de Internatos.

Destaca-se a Escola de Yasnaia Poliana, de Tolstói.

“A escola tradicional não educa pastores para rebanhos, mas forma rebanhos para pastores.”

– Conde Leão Tolstói

Este pensava que o princípio da Escola deveria ser a completa liberdade da criança, que de modo natural e em contato com a vida, ia integrando seu ser.

Vamos ter adiante a formação desse processo renovador pedagógico na Inglaterra, onde será criado o conceito de coeducação, introduzido o conceito na medida do possível não o sistema de internatos do tipo militar, mas semelhante a vida do lar. *A New School, aspirava a uma vida saudável, feliz, na atmosfera limpa do campo, onde estavam equilibrados o trabalho e o jogo, onde os ofícios dignos e as belas-artes eram honrados igualmente, onde todos, em afetuosa harmonia, cooperavam no bem mútuo e na felicidade comum, onde a comunidade não era demasiado vasta, de modo que o indivíduo não se perdia, mas podia compreender as inter-relações de todos; onde todo o lugar e toda a vida estavam organizados para ilustrarem os estudos, e os estudos estavam organizados para ilustrarem a vida.”*

Alemanha

Na Alemanha, sobre a influência da pedagogia de Cecil Reddie, surgiram as escolas novas sobre uma ideia de educação em comunidade de base autônoma pela qual governavam-se mestres e alunos. *“A comunidade constitui uma verdadeira comunidade livre, na qual, por meio de reuniões periódicas, se discutem e se ordenam os assuntos escolares. Aos alunos se confere, especialmente, o cuidado do regime externo da escola: Como a manutenção da ordem, da limpeza, distribuição do trabalho e da própria disciplina escolar.*

França

Na França, a Escolas Das Rochas, foi empregado com o intuito de formar um homem mais completo, empregando métodos mais naturais e práticos, foi estabelecido entre alguns países da Europa uma espécie de intercambio, uma verdadeira vida no campo, propiciava para cultivar de modo mais livre e natural, o corpo e o espírito.

Estados Unidos

Nos Estados Unidos, as escolas novas mais importantes tiveram uma modalidade singular. Sob a dependência de universidades, onde se cultivava a Pedagogia em nível superior, aquelas instituições docentes possuíam o caráter de verdadeiros *laboratórios de experimentação pedagógica*.

Em 1896, John Dewey, fundou com a ajuda de Alice Chipman, sua esposa, Ella Flagg Young e Jane Adams, a famosa *University Elementary School*. Era uma escola *laboratório*, parte integrante da Universidade de Chicago. A experimentação se fez ao nível do ensino primário. Havia Crianças de 4 a 13 anos. Dois grandes objetivos orientaram os trabalhos, experimentou-se, por uma parte, com êxito crescente, a **vitalização** e a **socialização do ensino**. Ficou demonstrado como é preciso vincular a escola ao lar e à comunidade, como as chamadas disciplinas informativas (história, geografia, civismo...) Podem e devem ser combinadas com a experiência e as ocupações dos alunos; como, enfim, é possível efetuar o ensino individualizado. As atividades manuais praticas, oficinas, trabalhos de cozinha, trabalhos têxteis e etc., Tiveram inusitada importância.

Por outra parte psicólogos e pedagogos fizeram, uma vez fundada a escola, observações sistemáticas sobre a vida infantil: sobre seus interesses e aquisições, bem como seu bem-estar físico e desenvolvimento normal.

Mais tarde mudou o regime da escola graduada, agrupando as crianças não mais por idades e níveis de instrução, mas por interesses reais, tipos psicológicos e acuidade mental. Assim, não havia professores de grau; o docente veio a ser promotor de um processo auto-educativo.

Em quase todos os **Teacher's Colleges** dos Estados Unidos existem escolas de práticas, demonstração e experimentação pedagógica; fazem parte, na maioria das vezes, das próprias universidades, como as de Harvard, Yale, Minnesota, Missouri e outras.

Como se observa, este tipo de escolas difere das chamadas “escolas novas” da Europa.

Propagação das Escolas Novas e bases de sua organização

O bom êxito de todos estes experimentos escolares determinou a fundação de novas escolas em outros países (Bélgica, Itália, Rússia, Suécia, Japão...). Aos poucos foi se aperfeiçoando sua organização, com o passar do tempo, pensou-se em coordenar a obra conjunta das escolas novas e, para tal fim, fundou-se em 1899, por iniciativa de Ad. Ferrière, o *Bureau Internacional des Écoles Nouvelles* (Sede em Genebra). Em 1919, numa reunião convocada por este *Bureau*, foram aprovadas as bases destas escolas.

Dez Prescrições se referem à sua organização geral:

1. São laboratórios de Pedagogia prática.
2. Internatos tipo Familiar.
3. Estabelecem-se no Campo.
4. Aplica-se o sistema chamado *boarding-house*.
5. Adota-se a coeducação.
6. São obrigatórios os trabalhos manuais, de preferência carpintaria.
7. E as práticas agrícolas e avícolas.
8. Com os trabalhos regularmente concede-se tempo para trabalhos livres.
9. Ginástica natural, jogos e desportos.
10. Excursões.

Outras dez prescrições concernem à formação intelectual:

11. Rejeita-se a escola memorista e se apoia na formação do espírito crítico pela aplicação de método científico: Observação, Hipótese, Comprovação e Lei.
12. Respeita-se e cultiva-se a vocação dos alunos.
13. Ensino ativo e objetivo
14. Decidida importância ao desenho e às matérias expressivas.
15. O Ensino se baseia nos interesses da criança.
16. Ensino Individualizado.
17. Socializações de todas as atividades das escolas.
18. Horário Matutino de preferência.

19. Devem ser estudadas poucas matérias por dia, mas buscando as relações com as outras.
20. Poucas matérias por mês ou por trimestre.

Nove princípios se aplicam à educação moral, estética e religiosa.

21. Prática gradual do sentido moral, estética e religiosa.
22. Autonomia escolas mediante organização de repúblicas escolares ou monarquias constitucionais.
23. As recompensas fortalecem o espírito criador e de iniciativa.
24. Os castigos devem induzir racionalmente a criança à sua melhoria moral e cívica.
25. A emulação é o resultado de comparar o trabalho anterior com o trabalho presente de cada criança.
26. A escola deve ser um ambiente agradável. A ordem e a higiene são as primeiras condições, o ponto de partida.
27. Música coletiva, canto coral ou orquestra.
28. Vinculação da educação moral com a intelectual, estética e religiosa.
29. Tolerância religiosa.

- Antes da Segunda Guerra Mundial, a Liga Internacional da Nova Educação acrescentou aos princípios assinalados este novo, de extraordinário alcance:
“A escola nova prepara em cada criança, não só o futuro cidadão, capaz de cumprir seus deveres para com a Pátria, mas também o que cumpre seu dever para com a Humanidade.” É o princípio da “paz pela escola”, que mais tarde serviu de motivo fundamental para organizar a UNESCO.

Nem todas as escolas novas aplicaram todas estas prescrições. A Escola de Abbotsholme, a primeira, respeitou 22; a de Bedales, 25. Só a de Odenwald, criada por Paulo Gehheb, acata todas. Por isso, a esta última se chama escola modelo das escolas novas.

Os Grandes Teóricos da Pedagogia Ativista

A pedagogia romântica e naturalista de Rosseau já havia acentuado que a educação é um crescimento natural de dentro para fora, isto é, autodesenvolvimento. O Neo-Humanismo, por sua parte, completando o conceito da educação negativa (“a melhor educação é aquela na qual o mestre intervém menos”), extraiu, com Pestalozzi, todas as consequências positivas do princípio idealista e que a consciência humana é atividade e criação. Mais tarde, Herbart tratou de descobrir com seus “passos formais” do aprendizado a lei desse autodesenvolvimento, e descobriu a unidade do processo educativo na conhecida fórmula da “educação pela instrução”, embora com acento intelectualista, que a Psicologia experimental combateu pouco tempo depois, com Wundt à vanguarda, em benefício de uma concepção voluntarista.

Com essa valiosa herança encontrou-se a Pedagogia do século XX. Partindo dela, não só aprofundou a concepção dinâmica da consciência e do comportamento humano, mas também tirou daí consequências práticas e metódicas insuspeitadas.

Traço comum da Pedagogia contemporânea é essa concepção do homem como uma energia ativa e criadora. Deste ponto de vista a Pedagogia, no século XX, é Pedagogia da Ação. Porém, costumava-se reservar o nome de Pedagogia Ativista para aquelas orientações que se ocuparam particularmente com estes princípios, ou deles tiraram consequências afortunadas na organização e práticas do ensino.

Filosofia Pragmática

Quem compreendeu por completo a importância destas ideias foi William James (1842-1910), Co-fundador (com Pierce) da corrente filosófica do *Pragmatismo*. Para esta doutrina, o conhecimento humano e a ciência se explicam pelos serviços que esta presta à conservação da vida. A verdade do conhecimento não é, como pretende a Filosofia Tradicional, uma relação objetiva do real com o ideal, mas aquilo que fomenta a vida, aquilo que é praticamente eficaz na existência, até ao ponto em que guia e conserva a ação (pragma).

Na Obra *Palestras e Mestres*, James concebeu a educação como um processo vivo que permite ao homem reagir adequadamente ante as mais diversas circunstâncias. “Nossa educação significa pouco mais do que um volume de possibilidades de reação, adquiridas no lar, na escola, no trato social.”

Estas reações são congênicas ou adquiridas. As primeiras se encontram vinculadas à vida instintiva do homem, como o medo, o amor, a imitação, a curiosidade.... As segundas são hábitos manuais, intelectuais e emocionais que orientam a vida do homem, recursos e meios adequados para comportar-se (to behavior). O problema da Educação é organizar esta variedade sempre crescente de reações, cujo designo é o de coadjuvar a realização de atitudes cada vez mais eficazes num mundo “meliorista”, isto é, suscetível de melhorar incessantemente.

John Dewey e o “ensino pela ação”

Dewey, foi o primeiro que com profunda visão pedagógico se opôs à Pedagogia herbartiana, (educação pela instrução), esse teórico do novo conceito pragmático da educação consolidou a ideia ativista do “ensino pela ação” (learning by doing), pois só a ação manual e intelectual promove a experiência, e a educação não é outra coisa senão uma continua reconstrução da experiência.

O Princípio da ação rejeita a aprendizagem mecânica e formal, rotineira e tirânica; porém se opõe, com igual força, ao caos e ao anarquismo educativo.

O Ensino pela ação deve atender ao *interesse produtivo da criança*, sua liberdade e iniciativa para o progresso social.

“O que importa é guardar no espírito, com respeito à introdução, na escolas, das diversas formas de ocupação ativa, é que mediante elas renova-se o espírito da escola. Existe esta oportunidade para filiar-se à vida, para fazer o ambiente natural da criança, onde esta aprende a viver realmente, em vez de ser um lugar onde se aprendem simplesmente lições que tenham uma abstrata e remota possibilidade de ser uma comunidade embrionária, uma sociedade em miniatura.” - J. Dewey (A escola e Sociedade)

Os termos do problema educativo são dois: a natureza peculiar da criança e determinados objetos vitais, certas ideias, crenças e valores, em suma, certo tipo de cultura encarnado na experiência madura do adulto. A melhor educação consiste na adequada ação recíproca destes dois termos. Não existe conflito entre a vida infantil e a experiência adulta, disse Dewey ao formular o problema dos programas de ensino. *“Do lado da criança o problema está em ver como sua experiência contém dentro de si mesma elementos – fatos e verdades – justamente da mesma natureza que os que constituem a matéria de estudo já elaborada; e, o que é mais importante, a maneira como contém em si mesma as atitudes, os motivos e os interesses que operaram o desenvolvimento e a organização das matérias até o plano que ocupam agora. Do lado das matérias de ensino, o problema consiste em interpretá-las como manifestações*

de forças que atuam na vida da criança. E em descobrir os processos que intervêm entre a experiência presente da criança e sua maturidade mais rica.” – J. Dewey (A Criança e o Programa Escolar, pág 25)

Deste elevado ponto de vista, Dewey atribuiu à sua doutrina um vigoroso caráter psicogenético. Educação deve partir dos poderes ou instintos da criança e avançar apoiando-se nos interesses e atitudes do educando, sempre em evolução. Se o ensino não se adapta ao desenvolvimento da criança e do jovem, redundará numa desintegração e perda inútil de energia. Procedendo assim, a velha oposição entre o interesse e esforço se desvanece.

Somente desta forma a experiência adquirida, isto é, os processos e atitudes psicobiológicos que decidem o comportamento do educando, converte-se em *instrumentos* ou *meios* destinados a promover a manutenção da vida. Por isso, é um propósito cego educar sem ter em conta as circunstâncias externas ou internas que tornaram necessários e idôneos tais instrumentos de vida. Para decidir realmente sobre o valor de uma experiência é preciso conhecer sua finalidade, o uso que se faz e se pensa fazer dela.

Daí a urgência de formular o problema da educação, tomando em conta, rigorosamente, o *meio* e a evolução sociais. *“Quando os homens viviam em pequenos grupos que tinham pouco que ver com os demais, o dano que a educação intelectualista e marmorista causava era realmente pequeno. Mas agora é diferente. Os métodos e operações industriais dependem, hoje, do conhecimento dos fatos e leis das ciências naturais e sociais, num grupo muito maior do que foram antes. Nossas ferroviárias e barcos, os bondes, telégrafos e telefones, fábricas e granjas de trabalho, e até nossos recursos domésticos comuns dependem, para sua existência, de intrincados conhecimentos materiais e físicos, químicos e biológicos. Dependem, em sua melhor e última aplicação, de uma compreensão dos fatos e relações da vida social. A menos que as massas de operários tenham que ser cegos pinhões e engrenagens dos aparelhos que manejam, devem ter alguma inteligência dos fatos físicos e sociais atrás e além do material e dos instrumentos que estão manejando.”* (As Escolas do Amanhã)

Com estas palavras, Dewey formulou o problema dos objetivos da educação, que o aproxima dos ideais de uma democracia social. Só um inteligente sistema de educação pública pode combater *“A diferença de fortuna, a existência de grandes massas de trabalhadores despreparados, o desprezo pelo trabalho manual, a incapacidade para adquirir a preparação que ponha em condições de progredir na vida.”* (Democracia e Educação).

Eduardo Claparède e a “Educação Funcional”. J. Piaget.

Em Eduardo Claparède (1873-1940) teve o momento da Pedagogia da Ação um profundo psicológico e inventor didático. Para evitar toda sorte de mal-entendidos, preferiu chamar à educação ativa de *educação funcional*. O Termo *atividade*, mostrou Claparède, tem duas acepções. Num Sentido, é ativo um comportamento quando responde a uma necessidade biopsíquica, quando a maneira de reagir do sujeito cumpre uma função vital. Aqui o termo *atividade* se opõe à coação externa, à obediência, à repugnância ou indiferença. Na outra acepção do vocábulo, a atividade é termo sinônimo de efetuação, expressão, processo, trabalho.

A verdadeira educação é aquela que cria na criança o melhor comportamento para satisfazer suas múltiplas necessidades orgânicas e intelectuais: necessidade de saber, de explorar, de observar, trabalhar, jogar, em suma, de viver; a educação que concebe as reações do educando como funções certas na condução da vida.

A mera atividade de efetuação não é característica suficiente da educação para a vida; o ato e realização, a atividade do educando não de ser resultado intrínseco de uma necessidade vital, para que se produza o *fato funcional* do processo.

Por isso, a educação funcional não tem outro caminho senão organizar sua doutrina, partindo de um profundo conhecimento das necessidades e interesses da criança. Esta não é um adulto em miniatura, um adulto imperfeito, mas um ser que tem sua própria vida, seus propósitos e peculiares interesses e necessidades. A criança é criança porque não tem experiência de vida, ou é criança para adquirir esta experiência? A criança é pequena para tornar-se grande? A criança o é, não por falta de experiência, mas por necessidade natural de adquirir esta experiência. “Experiência e crescimento que obtém brincando e imitando. A Natureza nos mostra, com efeito, que para chegar a um determinado grau de desenvolvimento o organismo deve passar previamente por estágios que parecem contraditórios; estes estágios são, não obstante, indispensáveis. Assim, para que uma criança chegue ao grau de desenvolvimento em que possa mastigar carne é necessário que passe pelo estágio de amamentar-se com leite. Se começarmos a dar-lhe carne desde seu nascimento, sob o pretexto

de que é necessário para educa-la na mastigação, imediatamente se originariam nela circunstâncias patológicas que acabariam com ela bem antes que lhe houvessem nascido os dentes. Do mesmo modo, engatinhando é que o pequenino adquire a faculdade de andar em dois pés; quando se salta esta etapa necessária e se coloca a criança de pé demasiado cedo, deformam-se-lhe as pernas e perde-se tempo em vez de ganhá-lo.”

“Não é, pois, nada absurdo pensar que o jogo possa ser uma etapa indispensável para a aquisição do trabalho. E a observação demonstra que o é, na verdade. Não há, contudo, entre o jogo e o trabalho a oposição radical que a Pedagogia tradicional supõe.” (E. Claparède, *A Escola e a Psicologia Experimental*, Pág. 28).

A Pedagogia ensina, ademais, que existem diversos tipos de Inteligência infantil; que enquanto umas crianças revelam particular aptidão pelas atividades manuais, outras possuem talento matemático, poético e etc. E visto como o rendimento escolar da criança depende, em boa proporção, da maneira como se encontram as capacidades naturais, a escola tem de levar em conta as diferenças de aptidão e converter-se, na medida do possível, numa “escola sobre medida” que saiba misturar uma educação adequada a cada criança, ou pelo menos, a cada grupo de crianças de aptidão semelhante. A diferenciação do ensino não implica numa concepção “individualista” do aprendizado. Pelo contrário, Claparède teve um conceito social da escola. Como a vida que espera a criança ao deixar a escola é uma vida num meio social, apresentar o trabalho e as matérias de estudo sob um aspecto vital é também apresenta-los sob seu aspecto social (o que são na realidade). A escola tem-se descuidado, demasiadamente, desse aspecto social e, retirando o trabalho de sua contextura natural, fez dele uma coisa artificiosa.

Em conclusão, a Pedagogia de Claparède sustenta numa concepção *funcional, lúdica, individualizadora e social da educação*.

Jean Piaget, discípulo e colaborador de Claparède, levou adiante, nesta direção, a doutrina como o revelam seus minuciosos estudos sobre *A Linguagem e o pensamento na Criança, O juízo e o Raciocínio da Criança, A Representação do Mundo na Criança, A Causalidade Física na Criança*, e outros....

Piaget investigou, seguindo um método clínico original, como pensa a criança e qual a causa de expressar-se numa lógica diferente da lógica do adulto. Nada se explica dizer que o cérebro infantil é débil. O Desenvolvimento da inteligência parece devido não a um aumento de conhecimentos, mas a uma nova estrutura mental.

O Método Montessori

Tópicos: Métodos que individualizam o Ensino

O Método Montessori. – O primeiro ensaio fecundo neste sentido foi realizado pela doutora Maria Montessori (1870 – 1952) com suas afamadas *case dei bambini*, nos princípios do século.

Parti do *princípio da auto-educação*. Cada criança, no respectivo grau de seu desenvolvimento, experimenta certas necessidades interiores que a impulsionam, em circunstância externas favoráveis, a uma atividade livre concentrada, persistente e suscetível, por sua vez, de produzir novos atos valiosos de execução própria. Assim, quanto mais se consiga determinar estas necessidades e procurar-lhes as possibilidades exteriores de efetuação, tanto mais facilmente poderão as *crianças prescindir* da direção imediata dos adultos e tanto mais poderão proceder por iniciativa própria.

A este fenômeno da livre e ativa concentração se tem chamado fenômeno montessoriano, em virtude de haver sido a eminente doutora a primeira que, de maneira metódica, empreendeu a tarefa de apresentar às crianças um círculo de experiências e instrumentos materiais o qual se apoia nesse fenômeno, no processo de educação dos pequeninos.

O método montessoriano serve-se, com efeito, de um abundante material didático (cubos, prismas, ajustamento de sólidos, listões, bastidores para enlaçar, caixas, cartões e etc.), destinado a cultivar, preferentemente, a atividade dos sentidos. Esse material tem o caráter peculiar de ser *autocorretor*. “A professora, disse a doutora do *Método da Pedagogia Científica*, tem de ver-se substituída pelo material didático que corrige por si mesmo os erros e permite que a criança se eduque a si mesma.”

O método montessoriano vai ser difundido e usado pela Madame Alexandre-Deschamps, nos jardins de infância e nos primeiros graus da escola primaria revelando-se fecundo e sugestivo. Deschamps através do método auto-educativos levou ao completo domínio das escolas de ensino primário, estes desenvolve-se com o programas de Ideias Associadas, de Decroly, formulado pelos alunos por meio de séries de fichas ou perguntas. Este grupos de questões constituem um excelente no trabalho individual das crianças. As questões são formuladas do ponto de vista do ensino globalizado, e se adaptam, na medida do possível, à prática do ensino ocasional.

(A Escola Nova)

<https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/10474/1/Dissertacao%20Fatima%20Aparecida%20dos%20Santos.pdf>

<http://www.webartigos.com/artigos/john-dewey-resenha-sobre-o-pensamento-do-filosofo-e-pedagogo-norte-americano/23044/>

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/90241/figueira_pff_me_arafcl.pdf?sequence=1

<https://blogdonikel.wordpress.com/2014/09/02/o-movimento-escola-nova/><https://www.wikiteka.com/apuntes/educacion-3/>

<https://blogdonikel.wordpress.com/2014/03/26/tendencias-pedagogicas-na-pratica-escolar-segundo-jose-carlos-libaneo/>

Livros:

História das ideias pedagógicas, Moacir Gadotti, Ed. Ática.

História da Pedagogia, Franco Cambi, Ed. Segmento.

Tópico: Métodos Ativos e Escola de Ensaio e de Reforma

A educação Ativa

A educação ativa demonstra: 1. Que a criança não aprende senão quando o faz pessoalmente, por observação, reflexão, experimentação, isto é, por um processo auto-educativo; 2. Que o ensino deve ser de acordo com a criança, isto é, adaptar-se à natureza peculiar de cada educando (individualização do Ensino), ou, pelo menos, a grupos de alunos de semelhante tipo de inteligência (educação diferencial); 3., que ao lado da formação intelectual, é preciso pôr em prática as aptidões manuais e, em geral, toda *energia criadora (educação integral)*; 4., *que a matéria de ensino seja organizada de tal modo que venha a ter efeito total na formação da criança, ora unificando o aprendizado em torno de um fato ou complexo de fatos de experiência infantil (globalização), ora coordenando intimamente as disciplinas (coordenação didática), ora referindo todas as matérias de ensino a uma delas, por exemplo, a linguagem (concentração)*. 5., *que, visto como uma educação é vida e empresa para a vida, e esta é colaboração humana, é preciso socializar o aprendizado (mediante trabalhos coletivos, por equipes etc.), respeitando e fortalecendo, ao mesmo tempo, a individualidade de cada um (socialização do ensino)*; 6., *que, afinal, a criança não pode ser educada com acerto, se não se conhece o desenvolvimento biopsíquico de seu ser (pedagogia psicogenética)*.

Biografia

John Dewey nasceu em Burlington em 1859. Graduou-se em 1879, na universidade de Vermont e Doutorou-se em Filosofia no ano de 1882. Foi professor Secundário por três anos e professor de Filosofia em Michigan em 1884. É um dos fundadores da escola filosófica chamada Pragmatismo. Criou uma universidade exílio para acolher estudantes perseguidos de países de regime totalitário. Principais obras: *Psicologia* (1887); *Meu credo pedagógico* (1897); *A escola e a criança* (1898); *A escola e a sociedade* (1899); *Experiência e Educação* (1938). Ao longo da sua vida participou na elaboração de 40 livros e apresentou mais de 700 artigos. Morreu em Nova York em 1952.

Filosofia da Educação

Para Dewey, juntamente com Vygotsky, concebia o conhecimento e o desenvolvimento como um processo social, ou seja, o conhecimento não deve ficar apenas para nós, é preciso transmitir. Por isso Dewey era favorável aos trabalhos em grupo, para trocar ideias;

O indivíduo passa a ser significativo quando considerado parte inerente da sociedade. O homem só se torna alguém quando se faz parte de uma sociedade, quando ele está ligado a ela.

O conhecimento adquirido pela educação deve fazer parte integrante ao cotidiano da vida, ou seja, o elemento de ensino junto com a prática cotidiana. No laboratório-escola que dirigiu junto a sua esposa Alice, na universidade de Chicago, as crianças bem novas aprendiam conceitos de física e biologia presenciando os processos de preparo do lanche e das refeições, que eram feitos na própria classe. Ou seja, o aluno deve aprender o conhecimento científico e também o conhecimento prático. Esta ideia foi uma grande contribuição para a escola filosófica do Pragmatismo.

3 – Pragmatismo

Dewey é uma das três figuras centrais do pragmatismo nos EUA, ao lado de Charles Sanders Peirce e William James.

Pragmatismo é doutrina segundo a qual as ideias são instrumentos de ação, que só valem se produzem efeitos práticos. Para John Dewey Pragmatismo é a teoria segundo a qual a verdade de uma ideia reside na sua utilidade. Em linguagem simples o pragmatismo pode ser entendido como uma maneira prática de resolver problemas, passando por cima de muitos princípios muitas vezes considerados relevantes. Imagine você, recém formado, cheio de princípios e procedimentos formais. Quando se depara com a realidade do mercado de trabalho e vê que para competir terá que ceder, fazer acordos, vistas grossas, sem ser desonesto, isso é ser pragmático. Tem que ser prático para fazer a coisa andar. Por fim, perfeita sincronia entre o que pensamos e o que fazemos, sintonia entre o que falamos e o que pensamos.

Dewey não chama sua filosofia de pragmática, preferindo o termo "instrumentalismo", pois para ele as ideias só têm importância

desde que sirvam de instrumento para a resolução de problemas reais.

4 – Educação Progressiva

A ideia Básica do pensamento de John Dewey sobre a educação está centrada no desenvolvimento da capacidade de raciocínio e espírito crítico do aluno. *A Educação Progressiva* está no crescimento constante da vida, na medida em que o conteúdo da experiência vai sendo aumentado.

O aprendizado se dá quando compartilhamos experiências. Acreditava que, para o sucesso do processo educativo, bastava um grupo de pessoas se comunicando e trocando ideias, sentimentos e experiências sobre as situações práticas do dia-a-dia.

O professor deve apresentar os conteúdos escolares na forma de questões ou problemas e jamais das de antemão respostas ou soluções prontas, isto é, o professor deve fazer com que o aluno raciocine e elabore os próprios conceitos, e o suscite a ser curioso. A Escola deve proporcionar práticas conjuntas e promover situações de cooperação, em vez de lidar com as crianças de forma isolada.

Educar é incentivar o desejo de desenvolvimento contínuo, preparar pessoas para transformar algo.

5 – Influências deixadas

No Brasil inspirou o movimento da escola nova, liderado por Anísio Teixeira, ao colocar a atividade prática e a democracia como importantes ingredientes da educação.

Inspirou as teorias mais modernas da didática, como o construtivismo e também as bases teóricas dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais

O movimento educacional denominado Escola Nova surgiu no início do século, em consequência da democratização e universalização do ensino, assim como do desenvolvimento das ciências auxiliares.

Em sua fundamentação dois pontos se fazem ressaltar: a preparação do homem para a indagação e resolução de seus problemas e uma nova visão de como a criança aprende-agindo, experimentando e vivenciando.

Um dos princípios fundamentais é a visão da criança como ser diferente do adulto, surgindo daí a compreensão das possibilidades e interesses diferentes de cada faixa etária, assim como da importância da atividade da criança, como meio básico da aprendizagem. A Escola Nova busca atingir seus objetivos educacionais utilizando

recursos que refletem o momento pedagógico atual, mas incorporar a eles as contribuições que se mostravam válidas no tempo.

Procura dar condições para que o conhecimento se desenvolva através de situações reais e concretas, e que a curiosidade se amplie pela oportunidade de estar com o objeto de estudo, de observá-lo, compará-lo e utilizá-lo criativamente.

Dá ênfase as situações de jogo individual e grupal, pois acredita que o brincar favorece o enriquecimento da personalidade no plano motor, afetivo e social. Brincando a criança tem oportunidade de estar em contato com o outro, descobrindo-o como fonte de colaboração e prazer, mas também como aquele que vai impor a percepção de seus próprios limites.

Dando o campo adequado para este agir e interagir criativo está certa de propiciar um ambiente estimulante, necessário para o desenvolvimento da criança como indivíduo e ser social.